



Ana Ribeiro

Docente Universidade do Minho

### Entre o assombro e a assombração: Camilo segundo Aquilino e João de Araújo Correia

*Camilo é um ente fabuloso. É grande e complexo.*

*É como o mar – disse Aquilino.*

João de Araújo Correia, *Uma sombra picada das bexigas*

#### 1. Uma afeição comum

É ponto assente, quer dos estudos aquilianos, quer dos estudos sobre João de Araújo Correia, que a sombra de Camilo Castelo Branco perpassa a obra de ambos os escritores. Assim, e a título de exemplo, para João Maia (1992: 211), Camilo e Aquilino “são frequentemente aproximados, como génios pouco menos que iguais na abundância e domínio do verbo, no manejo da palavra, na utilização de

todas as virtualidades que a língua portuguesa oculta em todos os seus recessos expressivos”. Quanto ao autor dos *Contos bárbaros*, é Bigotte Chorão (1986a: 69) quem aponta: “João de Araújo Correia é camilianista por afinidade espiritual. Bebeu na mesma fonte do seu ilustre antepassado – a linguagem oral, popular, viva, qual a não sonham literatos. E ambos crêem que é o homem e são as paixões humanas a matéria-prima da literatura e ambos têm um respeito religioso pela palavra, sempre de metal legítimo e bem cunhada”. Sem prejuízo daquilo que os distingue<sup>2</sup>, este é, pois, mais um traço de união entre Aquilino e João de Araújo Correia, a reforçar uma irmandade de espíritos assumida pelo contista duriense em “Homem da sua terra”, homenagem ao escritor beirão incluída em *Passos perdidos* (1967), em afirmações como “Conheço Aquilino desde que me conheço” (*idem*: 11) ou,

<sup>2</sup> António Manuel Ferreira (2012: 369-370) dá-nos uma amostra das peculiaridades destes prosadores quando afirma que “os exemplares contos de Araújo Correia contrastam visivelmente com as hirsutas narrativas breves de Aquilino. Um é o jardineiro exímio, contido e respeitador da fragilidade; outro é o lavrador impetuoso e plétórico”. É curioso notar que esta diferenciação entre os dois escritores contemporâneos não anda longe da que Bigotte Chorão (1986b:55) estabelece entre o escritor reguense e Camilo: “Todavia, enquanto em Camilo, sempre excessivo, a prosa é densa (...), em que João de Araújo Correia, sempre comedido, a prosa é leve”. Acrescente-se ainda que, segundo a “Divagação camiliana” (1973b: 15) e “Homem da sua terra” (1967: 11), tanto o autor de *Amor de perdição*, como Aquilino eram familiares a João de Araújo Correia desde a infância. Não admira, por isso, que o escritor mais jovem, num gesto de respeito e humildade, se declare “mau discípulo” de ambos (1973b: 71, 143).

numa passagem mais longa, “De então [desde a Universidade] em diante, acompanhei Aquilino, reconhecendo, a cada livro, que já o conhecia antes de o ler, pela primeira vez, na descrição dos Remédios. Conhecia-o em seu vocabulário, em torneios de frase peculiares à gente dos meus sítios, no retrato de figuras que tinham réplica na minha terra e em topónimos de além-Douro conhecidos aquém-Douro” (*idem*: 12). Esta familiaridade entre as duas margens convoca outra vizinhança comum, desta vez com territórios camilianos, pois, como declara João de Araújo Correia na abertura de “Camilo em Trás-os-Montes” (1973b: 99), “Sempre que vou por aí acima, da Régua até Chaves, todos os lugares me falam de Camilo”. A relação de Aquilino e João de Araújo Correia com Camilo excede o capítulo das influências literárias, já que ambos fizeram de Camilo objecto de escrita, contribuindo para a copiosa bibliografia que, desde o século XIX, se vem acumulando sobre o criador de Calisto Elói<sup>3</sup>. Neste aspecto, qualquer um dos dois prosadores constitui uma via de

<sup>3</sup> Bem informado, João de Araújo Correia assinala a fortuna bibliográfica de Camilo em “Obras completas de Camilo” (1973b: 35-36), tornando patente o contraste entre o interesse suscitado pelo escritor e a lamentável inexistência duma edição completa e cuidada da sua obra: “Antes do centenário [do nascimento de Camilo], tinham os prelos gemido muito livro a respeito da vida e obras de Camilo. Biografias, perfis, esclarecimentos, odes, ditirambos, alevés – foram em barda. Passado o centenário, a ceifa continuou. A camiliana vai alta e ininterrupta como cordilheira. Lembra o Marão ou a Estrela. Mas, ao contrário das serras verdadeiras, não sofre erosão. Sofre aumento”.

acesso à recepção de Camilo no século passado. A influência que exerceu sobre ambos, bem como o fascínio desta dupla pela vida e obra do escritor oitocentista, torna desde logo evidente o prestígio literário do dito “torturado de Ceide” nas décadas que seguiram a sua morte, revelando-se insignificantes, neste aspecto, os catorze anos que separam Aquilino do seu confrade duriense.

#### 2. Palavras para Camilo

A actividade camiliana de cada um dos admiradores do autor de *O que fazem mulheres* seguiu ritmos e rumos próprios. Depois de em 1949 incluir no volume *Camões, Camilo, Eça e alguns mais* o estudo “Camilo e Eça frente a frente”, Aquilino edita, sete anos depois<sup>4</sup>, *O romance de Camilo*, extensa biografia do escritor anunciada por três trabalhos vindos a lume na revista-boletim *Camiliana & Vária*, órgão do “Círculo Camiliano”, publicada entre 1951 e 1954 sob direcção do mesmo Aquilino. Embora praticamente apenas em trabalhos da década de 50 o autor de *O Malhadinhas* se ocupe de Camilo<sup>5</sup>, este cargo é bem significativo do lugar de destaque que ele detinha entre os

<sup>4</sup> Como informa Maria Antónia Oliveira (2010:167), antes da edição em livro, esta biografia teve uma versão em fascículos da responsabilidade de Fólio em 1956.

<sup>5</sup> Depois dos fascículos, os volumes de *O romance de Camilo* conheceriam pelo menos duas edições, em 1961 e 1974, respectivamente, o que revela o interesse do público por esta matéria. A peculiaridade da biografia aquilianiana, de que falaremos adiante, não terá deixado de concorrer para a replicação.



estudiosos do “cenobita de Ceide”, como lhe chama no seu artigo de 1949. Quanto a João de Araújo Correia, se não ocupou nenhum posto em cenáculo camiliano, incompatível com o apreço pelo discreto labor de abelha no cortiço do seu eremitério, nem por isso deixou também de prestar o seu tributo ao prolífero romancista do século XIX. É ele o centro de uma actividade temporalmente menos circunscrita do que a de Aquilino, de tal forma que não é exagerado dizer que o fantasma de Camilo não lhe deu descanso ao longo de toda a sua vida literária. De facto, desde o texto XXVII e uma pequena nota integrada no texto LII do *Sem método* (1983 [1938]: 149) – “Quando passeio em Vila Real, acompanha-me a sombra de Camilo adolescente, de esporas ruidosas nos pés lestos, crisálida do grande irrequieto de Seide, embrião daquele que só na morte encontrou paz” – até “Sangue de Camilo”, escrito para as Segundas Jornadas Camilianas, realizadas em 1985, ano em que Araújo Correia viria a falecer, Camilo inspirou a este escritor diversos textos, num projecto continuado apesar de intermitente, como a recolha *Uma sombra picada das bexigas* (1973b), mesmo na sua incompletude, não deixa de tornar bem patente.

Escritos ao sabor das circunstâncias, são vários os tipos de textos que o nosso contista consagra ao escritor suicida. Aquelas que, com a modéstia que o caracteriza, designa como “minhas

fugazes notas camilianas” (1975: 131), correspondem a crónicas inicialmente publicadas em jornais como *O Comércio do Porto* e depois reunidas em volume. Resultam de motivações variadas que geralmente reflectem alguma experiência do autor, como um passeio realizado a título individual (“Pensalves” ou “Aquela casa”) ou correspondendo ao convite de alguém (“Em Ribeira de Pena”). Uma leitura realizada pode também redundar numa destas “notas”, como sucede com “Camilo em barco rabelo” (1973b: 59-62). Um encontro casual do escritor com uma neta de Camilo (“Camilo fabuloso”), um convívio gorado de camilianistas (“Friúme”), iniciativas louváveis em prol do romancista de outras eras (“Luminoso alvitre”) ou uma “Carta inédita de Camilo” foram também assinalados com a competente crónica.

Embora este seja o género textual a que João de Araújo Correia mais recorreu nas suas evocações camilianas, outros há de maior fôlego e que vão para além da motivação meramente pessoal. Referimo-nos a prefácios e conferências como as “Palavras inúteis” que abrem o opúsculo *Camilo em Ribeira de Pena*, de Mário Meneses, ou “Camilo em Vila Real”, conferência proferida na comemoração dos setecentos anos do foral desta cidade. Os convites a que estes textos respondem, sobretudo os primeiros, indiciam a autoridade que sobre a matéria camiliana se reconhece ao autor reguense. A este propósito é

bem significativa a “Nota de leitura” escrita para integrar a 6ª edição das *Cenas contemporâneas*, em 1970, pela Parceria António Maria Pereira. Também a solicitação de Alexandre Cabral, um nome maior nos estudos camilianos, para a antologia temática acima referida, permitem ver em João de Araújo Correia mais do que um simples aficionado de Camilo.

É verdade que, tanto no caso de Aquilino, como no de João de Araújo Correia, vários foram os escritores a solicitar as suas reflexões. Camões, Raul Brandão, Afonso Lopes Vieira e Bourbon de Meneses contam-se entre os confrades de que o autor do *Romance da raposa* se ocupou. No caso de João de Araújo Correia, Junqueiro, Júlio Dinis, Cesário, Trindade Coelho, os conterrâneos Vieira da Costa, Hamilton de Araújo e Antão de Morais Gomes, Afonso Botelho, Eça, o próprio Aquilino, entre outros, mereceram igualmente a atenção do autor de *Nuvens singulares*. No entanto, no último caso, nenhum a teve em tão alto grau como Camilo, não só pela recorrência, mas sobretudo pela diversidade de aspectos abordados e pelo teor dos juízos emitidos, como esta lapidar definição do *Amor de perdição*: “É uma estrada plana trilhada por figuras vivas a caminho da morte” (1973b: 53). A mesma preponderância se verifica nas referências pontuais ao escritor transmontano na obra do seu vizinho e admirador. A título meramente ilustrativo, veja-se esta passagem de

“Amarante”, crónica incluída em *Passos perdidos* (1967: 47): “O rio [Tâmega] trouxe de cima, de Chaves, de Boticas, de Ribeira de Pena, de Mondim e de Cabeceiras, enrolada nas vagas perigosas, a alma abissal de Camilo. Na ponte, calculou ele uma vez o salto suicida...”. Embora a obra ficcional seja mais parca neste tipo de evocações, o fantasma camiliano não deixa, mesmo assim, de espreitar de onde em onde. Ele assoma, por exemplo, em *Casa paterna*, fazendo jus ao perfil romântico atribuído ao pai de Henrique, o protagonista: “O resto das horas, diurnas e nocturnas, dava-o [o pai de Henrique] à leitura, preferindo Camilo a todos os autores passados e presentes. Era um romântico, um sonhador incapaz de se baixar à realidade de uma sementeira” (2008: 122). Da simples menção numa narrativa a uma copiosa biografia, tanto João de Araújo Correia como Aquilino por diversas vezes ressuscitaram Camilo pela palavra. Pertencem a um coro de que participam, ao longo do século XX, escritores como Teixeira de Pascoaes, Agustina e Mário Cláudio. Na centúria há pouco finda, talvez não haja, na república das letras portuguesas, outro escritor morto que acuse tamanha vitalidade entre os seus colegas de ofício, o que não é pequena forma de reconhecimento.

### 3. Rostos de Camilo

Quer nos textos camilianos de João de Araújo Correia, quer nos de Aquilino



não é difícil encontrar testemunhos da admiração de cada um por aquele que a tradição consagrou como o desgraçado de Seide. A epígrafe que escolhemos para este trabalho é bem significativa da consonância que, a este respeito, se verifica entre os dois leitores dedicados daquele que ambos têm como mestre<sup>6</sup>. Pretende-se averiguar até que ponto vai esta convergência entre os dois escritores novecentistas, pelo que, daqui em diante, se tratará de identificar não só o que um e outro apreciam em Camilo, mas também de apurar possíveis pontos de afastamento na visão que cada um deles fornece do autor de *Eusébio Macário*, assim como indicar os motivos que justificam o posicionamento de cada um destes camilianos.

### 3.1. "Camilo, o escritor... é como se deve dizer"

Tanto Aquilino como João de Araújo Correia incluem nos seus textos juízos sobre a obra de Camilo. Comportam-se assim como seus críticos, ao mesmo

<sup>6</sup> Em "Friúme", recusando o rótulo de camilianista, João de Araújo Correia, esclarece: "Sou apenas mau discípulo de Camilo, como sou mau discípulo de Ramalho ou de Eça de Queirós. Quero aos três mestres, porque deles recebi lição maravilhosa. Pena é que tão pouco a tenha aproveitado" (1973b: 71). Quanto a Aquilino (1975: 92-93), a herança camiliana aflora em afirmações como esta: "Governou esta regra [francesismo] durante não sei quantas décadas, até se persuadir a inteligência nacional [...] que o produto literário para ser digno e decente teria de ser escrito no idioma próprio, segundo os preceitos que vinham sendo estabelecidos desde João de Barros até o senhor Epifânio". Celebra por isso Camilo como "formidável argamassador do idioma e criador de tipos" (1975: 112).

tempo que vão dando voz às concepções literárias de cada um.

Ambos os aficionados do mestre romântico salientam a natureza sentimental da sua escrita:

Cada palavra dele é o elemento anatómico de um sentimento. [...] É um ressoador das vozes de alma. (Correia, 1973b:16)

[Eça] É uma modalidade de escritor, e por ela se aparta de Camilo, mais subjectivo, dominado por forças íntimas doutra espécie, tirando mais do próprio peito que do mundo externo a greda com que foi amassando o seu povoadíssimo guinhol. (Ribeiro, 1975: 108).

Ambos concordam também que a obra camiliana privilegia o sentimento amoroso:

Camilo, no seu tempo de folhetins como depois, na sua vasta obra de escritor romântico, não trata de outro assunto [o amor]. Se o amor não existisse, não seria novelista. Se não houvesse mulher, não haveria Camilo. Mas, quantas variantes lhe não oferece a sua ideia fixa!... (Correia, 1973b: 114-115)

Bem certo que o amor, fulcro das novelas camilianas e quejandas, não era o amor de nossos dias e corrente nas terras civilizadas. (Ribeiro, 1961, III: 318)

Condizem ainda os dois escritores na preferência camiliana pelo trágico, que não deixaria certamente de influenciar o tratamento do tema amoroso:

Camilo, dado à tragédia, foi trágico nessas duas novelas [*A caveira e Uma praga rogada nas escadas*]. (Correia, 1973b: 118)

Nunca se extasiou ante um nascer ou pôr do sol, para ele fenómenos do mundo físico, poéticos, sim, mas sem drama, que era o aspecto querido à sua sensibilidade e matéria preferencial da sua arte. (Ribeiro, 1961, II: 249-250)

Para João de Araújo Correia, no entanto, tal aspecto não torna a obra de Camilo sombria:

Por entre risos e lágrimas, a obra de Camilo tem o seu quê de sinistra. Mas, como obra de génio, tem o poder de diluir, tornando-a alada, tanto a dor que a força representa como qualquer outra amargura humana. (Correia, 1972: 148)

Apesar do relevo da paisagem interior na obra camiliana, o tratamento do mundo exterior na escrita do mestre não deixa também de merecer a atenção dos seus dois admiradores, os quais destacam a arte camiliana da brevidade:

O escritor não atraiçoa as tintas de nenhum quadro [rural ou urbano]. Mas, também as não acumula. É sóbrio por instinto. Sabe que a prolixidade embacia os olhos de quem lê (Correia, 1973b: 117)

Camilo tinha o sentimento da natureza, bela ou pavorosa na sua objectividade, mas sem estesia. Na *Brasileira de Prazins* pinta com pincel rápido um ou outro painel delicioso. (Ribeiro, 1961, II: 249)

Nos seus olhos teria Camilo, segundo Aquilino e Araújo Correia, um auxiliar fundamental para a captação de imagens do mundo que o rodeava:

Camilo, sempre a fugir, tinha olhos que não deixavam fugir os objectos. Tinha olhos penetrantes como agulhas, embora tão doentios, que morreu cego. (Correia, 1973a: 13)

Os olhos, aqueles olhos admiráveis de penetração, que liam nos seres e nas coisas aquilo que a outros passava despercebido, olhos preclaros de dentirrostro e de sibila, era o que tinha de mais precioso. (Ribeiro, 1961, III: 291)

Graças à sua capacidade de observação e à sua memória, faz Camilo descrições que levam João de Araújo Correia a considerá-lo realista:

No Porto, a caminho dos trinta, recorda o Alvão e o Mezio, tal como os viu, na juventude, perto da casa de Vilarinho. Descreve, com mão de mestre, carregando nas tintas brancas, a ofuscante caçada. Haverá realista que melhor a descrevesse? Dá a sensação da brancura, do silêncio e do isolamento do mundo despido de sombras, reduzido a lençol de linho sem fim. (Correia, 1973b: 116)

Quanto a Aquilino, se aplica o termo realista apenas na acepção estético-periodológica, não deixa de salientar a naturalidade que se desprende da escrita camiliana:

Mas essas quebras resgatou-as de sobejo na sua obra pluriforme, onde a observação justa do real supera aos arremedos do artifício, o verdadeiro drama do humano ao especioso, a fala colhida no tráfego da vida corrente com seu carácter, seus módulos, seus filamentos tácteis de ser animado, ao verbo empalhado, incolor ou fictício,



sobretudo, oh, sobretudo à ingresia formada, metade por pedanteria, metade por ignorância, por vozes estrangeiras. (Ribeiro, 1975: 104-105)

Porém, "Camilo, que foi sempre realista, dentro do seu romantismo" (Correia, 1973b: 79), foi também dotado de uma imaginação prodigiosa:

Condenar o romantismo camiliano é condenar a imaginação, fonte que prende o leitor sequioso de divertimento balsâmico em horas de cansaço ou tribulações. Pôr-lhe pedra em cima é também condenar a composição romanesca, o fio de enredo bem tecido que subjuga o leitor exigente de histórias dignas de ser contadas (Correia, 1973b: 116)

Em despeito do seu poder de retentiva, que era extraordinário, criava ilusões em grau muito maior, ilusões que a sua alma imaginosa vestia de realidades tão impressionantes que nem talhadas em carne e osso. (Ribeiro, 1961, I: 227)

A criação não daria grande trabalho a este "escritor sempre apressado" (Correia, 1973b: 83). Segundo Aquilino, Camilo, "Como era dotado de grande espontaneidade, não havia papel que lhe chegasse. Tomado da rale de ver o fim das coisas, não erguia mão" (Ribeiro, 1961, III: 31). Já para o vizinho duriense, o seu romancista predilecto escrevia "como se a tinta fosse a água célere de um rio caudaloso" (Correia, 1973a: 15). Por este e outros motivos aplaudem ambos o *Amor de Perdição*, obra que apesar dos louvores feitos a outros

textos camilianos, parece sobrepor-se a estes:

Deu [Ávila Perez] a olhos portugueses a certeza de ser compreendida e estimada lá fora uma novela [*Amor de perdição*] escrita em quinze dias, tempo insuficiente para ser nebulosa, arrebiada, falsa. Tecida de elementos reais e imaginativos, não contém, na sua tessitura, um artifício. É uma estrada plana trilhada por figuras vivas a caminho da morte. Em seu romantismo, é mais realista que muita obra escrita de cunho realista. É uma espinha dorsal peninsular posta a escrever. (Correia, 1973b: 53)

*O Amor de perdição*, em despeito do seu fundo romântico, de gozar do sufrágio universal, o que é mau índice, é a novela mais bem composta, mais portuguesa de lei, modelada de um só jacto, da literatura nacional. (Ribeiro, 1961, III: 61)

Nas palavras de Araújo Correia, os poderes demiúrgicos de Camilo são indissociáveis da sua natureza peninsular, traço que Aquilino, ao comentar um texto que atribui a Eça, considera uma evidência:

Brindar Camilo com a originalidade ferosa da veia peninsular não foi mais do que conceder-lhe dentro do concerto de faculdades cosmopolitas aquela que lhe pertencia por direito de nação. (Ribeiro, 1975:106)

À semelhança de Aquilino, não deixará também o nosso contista de reconhecer que "Camilo é o mais português dos escritores portugueses" (Correia, 1973b: 120). A questão da linguagem

camiliana não será de somenos nesta identificação entre o romancista e a portugalidade:

O Brasil apoia-se em Camilo para falar e escrever com nobreza o nosso idioma. Tendência subconsciente, não deixa de a manifestar às claras, editando Camilo e estudando Camilo como se cumprisse um dever cívico. Este pendor intelectual brasileiro é festa rija para portugueses que amem Portugal e admirem Camilo. (Correia, 1973b: 52)

É que, tanto para João de Araújo Correia, como para Aquilino, o mestre de Seide foi responsável pela renovação da linguagem literária portuguesa ao recuperar termos e construções esquecidos, romanticamente identificados como português de lei:

Camilo, que não é isento de pecados e pecadinhos em língua portuguesa, [...] legou-nos o seu verbo prodigioso, filho do seu génio e do seu tacto, mas fecundado pelo pólen dos clássicos e do povo. Levantou-se à meia noite para joeirar de livros velhos e da memória auditiva a farinha-flor dos moletes que servia ao público de madrugada. Foi estrénuo amassador e forneiro para poder ser lido com admiração e proveito. Filtrou e decantou o povo e os clássicos. (Correia, 1973b: 107)

Eça alcançara o fastígio da carreira, e apenas uma vez dera a saber aos seus amigos e leitores que não ignorava a existência do bruxo que em Ceide renovava o instrumento em que os trovadores dos Cancioneiros tinham modulado as suas emoções monocórdicas [...].

Para isso andara ao respigo do linguajar popular, da locução ágil e pejada de compreensão, da frase pitoresca, do verbo que os filólogos desdenharam por não trazer certidão de legitimidade. Com essas achegas, essas riquezas mal empregadas, todo esse numerário vivo e sonoro reformou o capital léxico, mercê do que se poderia atestar que a nacionalidade vive, pois que o seu órgão de transmissão racional evoluiu e se foi adaptando, graças à obra surda, ininterrupta, apacular, digamos, do povo, às condições que trouxeram o tempo e a fortuna. (Ribeiro, 1975: 117)

Para além do verbo camiliano, não deixam também ambos de apreciar as digressões do romancista, embora por motivos diferentes:

Camilo, como sempre, não deixa de filosofar no decorrer das suas narrativas. [...] Representa, no enredo, o seu papel. Não se esconde como comentador. Se é pecha, condenada por estilistas impassíveis, com Flaubert à frente, não deixa de se apreciar. Se ela nos completa Camilo...Seria vandalismo extirpá-la da sua estrutura de plumitivo. Completamos o seu retrato. Sem ela, ficaríamos sem saber muito do que pensou e sentiu. Intuições psicológicas, reflexões geniais, dores incomparáveis, iam-se por água abaixo. Deixemos discorrer Camilo. Será a maneira fácil de lhe vermos a alma. (Correia, 1973b: 117-118)

O público gostava destes entrecos ensilvados, afora as suas divagações à castelhana, que eram como que os nós de resina da árvore novelesca, tecidos num estilo colorido, rico, batido na



bigorna popular, com vislumbres dos ouropéis e brocados clássicos. (Ribeiro, 1961, III: 318-319)

Ainda de acordo com os dois, Camilo foi um distinto polemista:

Pena irónica, sarcástica, violenta e virulenta, quase sempre certa e como frecha bem disparada. Quase sempre certa, mas, nem sempre justa... (Correia, 1973b: 121)

Camilo, com efeito, não limitava a sua força a ser um mestre da descompostura. Eça sabia muito bem que recursos inesgotáveis sugeriria a Camilo na polémica a imaginação irada. A facúndia nos golpes, mandados onde menos se esperava com uma destreza original e a mais desconcertante pontaria ficará uma das suas facetas mais assombrosas. (Ribeiro, 1975: 177)

Na passagem da autoria de João de Araújo Correia perpassa alguma crítica, o que não surpreende em alguém que esclareceu: "Gosto de Camilo sem ser camilianista fanático" (Correia, 1969: 111). Embora escassos, outros momentos há em que o "cronista das gentes do Douro" aponta o dedo ao seu contemporâneo, como aquele, atrás referido, em que não o considera "isento de pecados e pecadilhos em língua portuguesa" (Correia, 1973b: 107). Quanto às obras, classifica a peça *Patologia do casamento* como "mediocre", pois "As personagens baralham-se, confundem-se como pevides da mesma abóbora" (Correia, 1973b: 119). Aquilino faz um

juízo semelhante em relação à *Enjeitada*, "romance francamente mau, em que presumo vislumbrar a mesma tessitura feminina de *Luz coada por ferros*, talvez retocado e limado pelo escritor" (Ribeiro, 1975: 96). Mas esta não deixaria de ser uma excepção, pois para as obras publicadas depois desta, e que enumera logo após, não é peço em elogios: "a *Queda dum Anjo*, duma altitude nunca antes atingida em Portugal, o *Santo da Montanha*, com uma boa parte castiça e superior, o *Senhor do Paço de Ninães*, não menos sobranceiro, os *Mistérios de Fafe*, em que estua uma prosa viril e dúctil, dobrada nas suas mãos como o ferro nas tenazes do bom ferreiro de Guimarães, o *Retrato de Ricardina*, que rasga uma janela de céu azul e chão de neve no terrível e feio mundo" (*ibidem*).

Escassas observações sobre os deslizes do escritor não põem em causa a sua genialidade, repetidamente reconhecida por qualquer um destes seus discípulos:

Camilo é um génio como Balzac. Irregular, como ele, mas, como ele, portentoso. (Correia, 1973b: 26)

Naquele momento se José Maria Eça de Queirós não fosse um produto requintado de artifício, [...] teria escrito uma palavra, não generosa que a estatura do finado não se coaduna com sentimentos desta índole, mas de piedade pelo suicida de alma submersa em desespero, de justiça e de reconhecimento pelo genial cultor das letras. (Ribeiro, 1975: 179)

Deste percurso pelas apreciações críticas de Aquilino e Araújo Correia sobre a escrita camiliana sobressai a quantidade de aspectos que destacam e em relação aos quais partilham pontos de vista comuns. Ambos se revelam leitores atentos e sensíveis do "gigante de Seide", não sendo talvez descabido ver neles os continuadores de uma tradição camiliana e de uma concepção de literatura enraizada no século XIX.

### 3.2. O "pobre grande homem"

De acordo com a crónica "Camilo fabuloso", o autor de *O que fazem mulheres*, vidente, teria vaticinado que "os prelos, depois da sua morte, se haviam de entreter, mentindo, a seu respeito" (Correia, 1973b: 32). Segundo Aquilino (1961, I: 279), o próprio Camilo não estaria isento de responsabilidades neste sucesso, pois "Os seus livros de tema autobiográfico são um guarda-roupa de Fregoli. Longe de mostrar o que foi de facto, indiciam-nos aquele que podia ou mesmo desejaria ter sido". Por isso, "Seguir-lhe os passos quando é ele que os cronometrizava ou relata, pode ter-se como certo que se é logrado. Ele próprio devia estar convencido mais de uma vez que falava a linguagem rigorosa da exactitude, não o sendo" (Ribeiro, 1961, I: 227). Fingidor por excelência, o que nos legou foi "uma verdade de mitómano, ao sabor do seu eu. Que muitas vezes não significava mais que um almejo ou uma aspiração balbuciada" (Ribeiro, 1961, I: 299).

João de Araújo Correia, sem chegar a rotular a mania de Camilo, não tem uma posição diferente. A propósito de uma carta que o romancista dirigiu a Herculano, considera o contista duriense que ela "Mostrava, ainda na casca, o grande fantasista. [...] Mentia como quem diz verdade, porque obedecia à vis fantasiosa, nele latente como no autor da *Cartuxa* e do *Vermelho e negro*. Mas, era já Camilo, que fazia da imaginação, no tocante a si próprio, verdades como punhos. Sem se ter matriculado em Coimbra, disse que rompeu ali duas batinas" (Correia, 1973b: 140).

Para Aquilino, não sendo o narrador camiliano fidedigno, "tudo o que escreve há que rebatê-lo à pedra de contraste" (Ribeiro, 1961, I: 102), enquanto para o seu colega mais novo "quem lê por baixo e por cima da letra, coisa rara, tirará a limpo os factos históricos e debulhará o subconsciente do escritor" (Correia, 1973b: 60). Talvez por isso o escritor duriense, apesar de ciente da criatividade do seu mentor literário, classifique a obra romanesca camiliana como uma "longa confiança" (Correia, 1973b: 21).

A caracterização de alguém para quem o mar é a única figuração à altura da sua natureza (cf. Correia, 1973b: 48 e 77) não é tarefa fácil. O próprio João de Araújo Correia avisa: "O retrato de Camilo é uma pintura ideal. Nunca se poderá considerar obra acabada" (1973b: 19). Tal não impediu, contudo,



as tentativas destes marinheiros que o assombro fez destemidos.

Conforme já vimos, para um como para o outro, Camilo é um génio. Mais genial se torna pelo facto de, nas palavras de Aquilino, ser um autodidacta: “Não teve Camilo formação, nem boa nem má. Antes má, filha da sua índole arrevesada, e dos percalços do acaso, que é um farsante de primeira” (Ribeiro, 1961, III: 306). Mestre de si mesmo, “Foi-lhe preciso fazer em si a educação de muitas gerações” (Ribeiro, 1961, III: 304).

A inteligência de que era dotado, indispensável para tal empreendimento, é, em vários momentos, destacada por Aquilino: “Mas não é menos certo que o seu intelecto privilegiado, muito para lá das marcas, é compatível com tais maravilhas da memória, sem necessidade de grande ferro nem queima de pestanas” (Ribeiro, 1961, I: 222). A excepcionalidade, aqui sugerida pelo adjectivo “privilegiado”, é, pois, uma marca do carácter de Camilo. Ela torna-o especial logo no seio da família Brocas, de quem foi, segundo Aquilino, “o rebento glorioso” (Ribeiro, 1961, I: 15). Também para João de Araújo Correia (1972: 141) “A natureza, cansada de se repetir, cansou-se de ser rude na árvore camiliana. Mas, não deixou de ser excêntrica. Deu de si, para variar, um homem de génio chamado Camilo”. Este, “homem diferente do comum dos homens” (Correia, 1973b: 19), ou, nas palavras de Aquilino, “homem cuja existência decorreu, por via de regra, fora

da ordem comum” (Ribeiro, 1961, I: 166), distingue-se igualmente da restante humanidade. A unanimidade entre ambos os escritores neste domínio vai ao ponto de, para os dois, Camilo constituir uma “força da natureza” (Correia, 1973a: 16; Ribeiro, 1961, I: 94).

A rebeldia é outro traço camiliano em que Aquilino e o seu confrade da Régua também concordam:

Aí tem em Friúme o estudante rebelde a qualquer disciplina. [...] como se tivesse bichos carpinteiros [...]. Com o demónio travesso a puxar por ele [...]. (Correia, 1972: 144)

homem insubmisso, versátil, extremamente susceptível à coleira. (Ribeiro, 1961, II: 97).

A instabilidade do romancista romântico, que as passagens anteriores implicitamente ligam à rebeldia, é por diversas vezes evocada por ambos os admiradores de Camilo, recorrendo até a uma imagética semelhante:

homem volúvel, salgueiro tocado de mil ventos (Correia, 1973b: 125)

A sua consciência em movediço superava a uma duna exposta aos ventos de largo. (Ribeiro, 1961, II: 57)

Para o autor de *Terras do demo*, esta característica, sintoma de um espírito livre, é indissociável das origens do escritor de oitocentos:

Para ele, homem da liberdade, homem das serras, homem sem coleira, e daí a sua inconstância política e até moral,

ir fechar-se entre quatro paredes [por causa do processo movido por Pinheiro Alves] equivalia a meter-se num túmulo. (Ribeiro, 1961, II: 380)

“Homem das serras”, Camilo, lisboeta por nascimento transplantado para a terra do pai, vem a ser, nas palavras de João de Araújo Correia, um escritor transmontano:

Camilo, caso peninsular acontecido em Trás-os-Montes... Não o dulcificou a paisagem do Minho, nem Lisboa, onde nasceu, o amimou. É trasmontano como as serras sobranceiras ao descampado vale de Aguiar.

A terra trasmontana é, toda ela, um alto sítio camiliano. Mal pode compreender-se Camilo sem a visitar. (Correia, 1973b: 57-58)

Daí que não seja de mais lembrar, quando se comemoram os setecentos anos do foral concedido a Vila Real: “Camilo é nosso, é de aquém do Marão” (Correia, 1972: 142).

Concordantes na naturalidade do romancista, Aquilino e o seu colega reguense coincidem ainda no relevo de Friúme na vida do autor oitocentista:

Onde Aquilino se mostrou agudo foi em dizer que os dois anos de Camilo, passados em Friúme, foram tão proveitosos, tão ricos, tão fecundos como nunca será a vida inteira de cidadão vulgar (1973b: 46-47)

Generalizando, diz Araújo Correia (1973b: 57) que “O escritor levou de Trás-os-Montes forragem literária para toda a vida”.

Quanto à personalidade do desventurado órfão, qualquer um destes admiradores lhe atribui uma natureza afável e generosa:

sejamos generosos como o grande gigante de Seide (Correia, 1973b: 134)

Nos braços de Camilo, sempre dispostos para abraçar, abraçou-se Júlio Dinis. (Correia, 1973b: 135)

Nunca este homem cheio de defeitos, talvez no fundo a trasbordar [sic] de simpatia humana, se negou a acudir ao seu semelhante em transe ou simplesmente baldado de amparo (Ribeiro, 1961, III: 268)

Ambos salientam *As memórias do cárcere* como repositório das melhores qualidades de Camilo:

Livro mais humano, mais aberto, mais sentido, mais vivo, mais cheio de tacto do que aquele não há. Quem duvidar de Camilo, como escritor solidário com a tragédia comum, leia e releia as *Memórias do cárcere*. (Correia, 1973b: 76)

E quanto às *Memórias do cárcere*, um preclaro juiz poderia dizer-lhe: Você, Camilo, é um homem infeliz e teve a má sorte de ser pobre, roído de ambições, algumas boas, outras detestáveis, em suma, é um irregular. Mas depois deste livro: *Memórias do cárcere*, está absolvido de todas as turpitudes que praticou. O rio de ternura e piedade humana que pôs a correr dealba e purifica aquelas pobres almas encardidas e, por tabela, a si, Camilo. (Ribeiro, 1961, III: 61-62)



Contrastam estas características com “O doesto e o sarcasmo, que lhe eram congénitos” (Ribeiro, 1961, II: 160) e que pôs a render nas suas terríveis polémicas.

Familiares de Camilo exibem, segundo Aquilino e o seu vizinho d’além rio, estes elementos da psique do escritor:

E neste rapto de cólera, desenganada e sem pejo, se mostra a irmã [D. Carolina] digna do futuro varredor da feira literária, e mestre, como se inculcava, na descompostura” (Ribeiro, 1961, I: 94)

O padre Luís, não obstante o traje sacerdotal, morreu camiliano de todo na ironia, na troça e até na língua expedita para replicar de modo perfurante. Mas, alto lá, também morreu camiliano de todo na afectibilidade, foi generoso como poucos homens. (Correia, 1975b: 21)

Em “Sangue de Camilo”, João de Araújo Correia identifica a camiliana veia cómico-satírica noutros parentes do escritor. A neta Raquel, filha de Nuno, “herdou o espírito agudo de Camilo” (1985: 96). Em Canelas, “uma senhora Botelho, parecida com Camilo no físico e no moral” (*idem*: 98), possuía o “feitio satírico” (*ibidem*) que confirma a sua estirpe.

Os dois analistas de que nos ocupamos negam a este homem zombeteiro a capacidade de perdoar:

Perdoar não é com ele. Falta-lhe consciência para tamanho rasgo. (Correia, 1973b:76).

Camilo foi um dos homens mais ressentidos do mundo e que não perdoava

ao filisteu. Quando perdoava, é que a vítima jazia de rojo a seus pés. (Ribeiro, 1961, II: 151)

Se Aquilino afirma que o romancista de Seide foi “um dos homens mais ressentidos do mundo”, João de Araújo Correia apresenta-o como um “oceano de amarguras próprias” (1973b:16), um “padecente, físico e moral” (1973a: 15), com o qual era difícil manter relacionamentos. Segundo ele, “Havia, no cérebro de Camilo, dois compartimentos separados. Num morava o método, a lógica, a autocrítica severa, a mão de rédea segura no romance e no ensaio. No outro, residia o descomando, o desequilíbrio, o descompasso de dores e desespero” (1973b: 124). A divisão interior de Camilo reflectia-se na sua vida, também ela com dois lados opostos: “Há, na vida de Camilo, dois mundos. Dentro da escrita e fora da escrita. Dentro da escrita, há luz... fora da escrita, só há negrume” (1980: 105). A própria escrita é que funciona como um lenitivo nesta vida desventurada:

Foi infeliz? Ninguém o suponha tão infeliz como parece. Desconte-se, na sua infelicidade, a bênção do trabalho. [...] entrava no seu mundo próprio, feito de quimeras e realidades. Escrevia, escrevia, escrevia... [...] Camilo foi polígrafo.

Enquanto pôde escrever, não foi tão infeliz como parece. Homem de mil desesperos, só desesperou quando deixou de ver o fio à sua teia. Enquanto o enxergou, terá sido feliz como ninguém. Vingá-lo de tormentos, com

uma pena entre os dedos, foi felicidade porque foi alívio. (Correia, 1973b: 149)

Esta entrega ao narcótico da escrita faz dele “Camilo, o escritor... é como se deve dizer” (Correia, 1980: 105).

Aquilino, no que toca à vida de Camilo e ao papel da escrita nela, tem uma posição idêntica à de João de Araújo Correia:

Mas bendita fosse a fantasia do escritor que tinha o poder de erguer os admiráveis palácios de beleza em que, doente, pobre, acalchinado, se fechava amiúde com a varinha de condão que lhe oferecera uma benigna, olvidosa e analgésica fada, tocando as realidades do presente e do pretérito e convertendo em oiro fúlgido o sórdido chumbo da vida quotidiana! (Ribeiro, 1961, II: 239-240)

Curiosamente, ao mesmo tempo, a vida tormentosa do escritor é uma condição da sua produtividade:

Se Camilo fosse feliz, se fosse saudável, não tinha escrito metade, mas, pobre homem, desgraçado homem! Sentava-se à banca para viver, para chorar e rir com naturalidade. (Correia, 1980: 105)

Deste modo, para o médico escritor, Camilo é o “homem infeliz consubstanciado com uma habilidade portentosa” (Correia, 1973b: 52), fórmula que resume a duplicidade do mestre. Um passo mais e ele ascende à categoria divina: “homem de barro sublimado em homem divino graças ao talento” (Correia, 1973b: 72). Assinale-se esta

divinização do escritor devido aos seus dotes, força genesiaca que faz dele um criador. Aliás, quando o assunto é Camilo, são comuns, tanto em Araújo Correia como no seu vizinho do outro lado do rio, palavras como “culto”, “devoção” ou “pecado” e “crucificado”. Por sua vez, Aquilino refere-se-lhe como “pobre grande homem” (1961, III: 26, 103), expressando através dos adjectivos o desconcerto da vida do “torturado de Seide”, como diz o título da biografia de Alberto Pimentel.

O escritor encarregou-se de deixar pistas sobre a sua desdita, pois, aparentemente, “crê na predestinação que o fez desgraçado. Crê que é preciso sê-lo para não contradizer os fados da sua família” (Correia, 1973b: 119), como recorda na nota introdutória às *Memórias do cárcere*. Também na “*Praga rogada nas escadas da força*”, há um juiz Botelho, que condena à morte um inocente. [...] é a maldição que pesa na família Botelho – família de Camilo. Assim o crê, de pais a filhos, a tradição do povo, tão enraizada, que não será fácil extirpar-se em terras de Vila Real. Camilo, de angústia em angústia, sua fatalidade, terá atentado nessa tradição (*ibidem*). Aquilino, que, como veremos, adianta outras explicações para o desatino que terá sido a vida do escritor de Seide, não deixa de reconhecer, referindo-se ao Camilo de 21 anos: “Um concurso de coisas funestas, dir-se-ia que associadas expressamente como uma quadrilha, acalcanhou-o tanto que



ninguém o viu passar” (Ribeiro, 1961, I: 280).

Génio infeliz e perseguido pela má sina, Camilo surge aos nossos olhos como um escritor maldito, representação romântica da figura do escritor. De acordo com Aquilino, ele emparceira na desgraça com outros génios da literatura portuguesa:

Parece condão maldito da raça que os grandes homens na inteligência e na arte, Camões, Garrett, Camilo, Gomes Leal, para não citar outros, tivessem, para subir ao panteão, de palmilhar um calvário miserando, com os borra-botas encartados do poder a chegar-lhes aos lábios a esponja de fel (Ribeiro, 1961, I: 213-214).

Note-se a persistência da imagética católica, agora com a aproximação entre o maldito e a figura de Cristo, “metáfora do sofrimento e da renúncia aos bens materiais, e um alter-ego do génio perseguido” (George, 2013: 55). Também João de Araújo Correia identifica indirectamente a família de malditos a que o seu mestre pertence ao incluir Ricardo Jorge, “O maior amigo de Camilo” (1973b: 123-125), num conjunto de personagens que se destacaram por ajudarem escritores carecidos, precisamente os mesmos Camões, Garrett e Gomes Leal.

Mesmo entre os colegas de ofício, Camilo, se não é perseguido, é pelo menos ignorado por alguns, como revela a censura que o criador de *O Malhadinhas* dirige a Eça no seu

“Camilo e Eça frente a frente”. Condena o autor de *A cidade e as serras* por ele não ter sido capaz de, ao longo da sua vida literária, dirigir uma palavra de apreço “ao velho romancista de Seide” (Ribeiro, 1975: 119). Por sua vez, o seu colega reguense estranha a frieza com que Júlio Dinis se refere a Camilo em duas cartas (Correia, 1973b: 131-134).

Para João de Araújo Correia, o autor de *Maria Moisés* continuou a ser perseguido mesmo após a sua trágica morte. Em 1953, na crónica “Camilo na tradição popular”, declara: “Camilo, não obstante o génio ou porque foi um génio, é ainda hoje odiado” (1973b: 26). Recorrendo novamente à linguagem religiosa, mas para apresentar Camilo como um proscrito, em 1969, acusa os “Amigos de Camilo” de ineficácia por não “terem levantado a excomunhão a Camilo” (*idem*, 96). Em 1975, a propósito da morte do sobrinho-neto de Camilo, o seu admirador duriense denuncia novamente a situação de desamparo em que permanecia o escritor transmuntano oitenta e cinco anos após o seu desaparecimento: “Camilo, que continua no pretório, perde neste sobrinho um grande defensor” (Correia, 1975b: 21).

Faca de dois gumes, o génio parece ter sido a sorte e o azar de Camilo. Se a felicidade é o preço a pagar por ele, “O génio absolve Camilo de todos os pecados. Se o génio é monstruosidade, crucificar quem o padece não é misericórdia. É velhacaria. Camilo foi

barro comum iluminado. Não é preciso apagar-lhe a luz para fazer realçar a fealdade do barro. Se a luz é o que nos importa...” (Correia, 1972: 142). Também neste aspecto Camilo é vítima da sua genialidade, já que “O génio é inquietante. Obriga a espreitar, a espiar, a devassar para enaltecer ou para denegrir. O génio, para quem o não tem, é um entretenimento. Mas [...] quanto mais remexido, mais desengonçado for, mais génio fica” (Correia, 1973b: 36). Qualquer uma destas passagens faz de Camilo um super-homem indestrutível e impenetrável, o titã romântico que tudo desafia. Trechos como estes podem ser tidos como críticas indirectas a Aquilino. Este, ao pretender, no seu *Romance de Camilo*, “Encarar o gigante, sem o dealbar da ganga terrena no rio Letes ou na água da misericórdia, tal como foi em seu vero ser, meio e comparsaria” (Ribeiro, 1961, I: 11) remexeu o barro como um *caterpillar*. Neste aspecto, comporta-se como “os vizinhos dos grandes homens” que João de Araújo Correia censura no *Sem método* (1983: 64), pois “Só os conhecem pelos seus defeitos, não tiram os olhos dos seus pés de barro...”.

De facto, embora para o autor de *Andam faunos pelos bosques* Camilo seja um “Caim das letras” (1975: 97), um “Caim puro” (Ribeiro, 1961, II: 83) ou “o astro-rei das letras” (1961, I: 159), testemunhando através destas imagens de cunho romântico a sua admiração

literária, Aquilino não deixa também de, camilianamente, aplicar ao seu mestre outras designações menos edificantes, como “bicho ronronante da Samardã e da Rua dos Pelames” (1961, II: 132). É que Camilo, para o escritor beirão, “Em verdade não era nenhum santo” (1961, III: 25) e por isso, como diz Pires Cabral (1992: 30), “«O Romance de Camilo» é uma biografia por vezes implacável, às vezes chocante”. Como bem sintetiza Maria Antónia Coutinho (2010: 170), “Aquilino é um destruidor de ilusões”.

A propósito do primeiro casamento de Camilo, por exemplo, considera que “De toda esta meada, com o seu imbricado de trágico e burlesco, ressalta um factor, tópico na índole juvenil e comprovado na velhice de Camilo: a pouca solidez moral do carácter” (Ribeiro, 1961, I: 180). A morte de Joaquina é, para Aquilino, “uma das páginas mais confrangedoras da vida de Camilo, que documenta a anormalidade da sua índole. (1961, I: 342). Já para João de Araújo Correia (1973b: 71), “aquele casamento [com Joaquina] foi o primeiro passo do irregular destino camiliano. Obedeceu a uma sina. O trânsito de Camilo, à superfície da terra, cumpriu-se em perigoso caminho”.

No pincel de Aquilino, Camilo não sai favorecido também no que diz respeito ao triângulo amoroso com Fanny Owen e José Augusto: “Nesta azinhaga camiliana [caso Fanny/Zé Augusto] podem os devotos erguer uma cruz



que, maior ou menor, houve delito, compartilhado pela maldade de um ciumento” (Ribeiro, 1961, II: 171). Diferente, mais uma vez, é a posição do autor do *Sem método*. Na sua opinião, “Camilo amou Fanny Owen sem a desejar. Amou-a como se ama uma flor ou uma estrela. Mas, não quis possuí-la... [...] Não podia [José Augusto] concorrer com o homem fulgurante no jogo do olhar e da palavra. [...] Retraiu-se por amor à pura poesia. Daí, o ciúme de poeta... [...] / Único homem capaz de compreender a menina enferma de mal romântico foi o escritor”. (Correia, 1973b: 101). Em abono da sua leitura, recorda que Camilo permaneceu próximo do par desditado, tendo-o visitado “poucos dias antes do falecimento de Fanny” (*idem*: 106), facto que dá como provado, salientando a injustiça da acusação contra Camilo.

Para além destes casos, a questão amorosa, em geral, divide os dois admiradores de Camilo. Para Aquilino (1961, I: 118-119), Camilo “sendo um rapaz vivo, esperto, muito sociável, não era bem-parecido. Antes, feio, se não antipático. As bexigas tinham-lhe lavrado o rosto ia nos sete anos, e semeado na fisionomia uma areia miúda em que se perdia o encanto e donaire do clarão interior. Foi sob este estigma que começou a subir o calvário. As mulheres não gostavam dele. A sua crónica de D. Juan e sedutor é patranha urdida à margem da realidade psicológica e objectiva, idiota de todo”. Por conseguinte,

“Camilo revelou-se grande e infatigável génio porque lhe faltou fêmea e o mais. O revés desesperado da natureza despontou nele o instinto criador” (Ribeiro, 1961, I, 332). Porém, para João de Araújo Correia, “Camilo, como escritor, nasceu dos conflitos da sua índole com a monótona regra do viver comum” (Correia, 1972: 146), afirmação, mais uma vez, de extracção romântica. Romântica é ainda a aproximação de Camilo a Byron no capítulo amoroso: “Camilo, como Byron, quis provar de todos os amores – excepto o incesto. Para satisfazer a fúria amorosa, foi-lhe a maré propícia” (Correia, 1973b: 25). Esta afirmação, bem nos antípodas da declaração aquiliniana de que “[Camilo] era o perfeito atadinho com mulheres” (1961, II: 135), baseia-a João de Araújo Correia, para além do senso comum, nos retratos do escritor e na tradição oral, pois “Camilo, embora picado das bexigas, tinha os olhos fulgurantes, vasta cabeleira e, sobretudo, palavra perigosa. Diziam os coevos que atraía as mulheres como o doce atrai as moscas. Irmãos e maridos trancavam portas e janelas à passagem de Camilo” (1973b: 47). Tais provas levam-no a acusar de devaneio “o nosso grande Aquilino”, que “Não quis ver Camilo amado e, tão facilmente, que foi inconstante” (*ibidem*). Não será completamente justa esta acusação, pois, independentemente da causa, a inconstância de Camilo também não escapou a Aquilino (1961, II: 344): “Camilo era versátil em

matéria de sentimentos, cerebral no amor, inconstante”.

No seu estudo sobre Camilo, a admiração de Aquilino pelo biografado não o impede de revelar outros traços pouco louváveis da personalidade do escritor. Segundo o mestre beirão (1961, II: 154-155), ele “nunca foi amigo devotado de ninguém. Amava-se a si e, se deu provas de amar os filhos com amor desorbitado, é porque eram obra sua”. Para além de egocêntrico, como o típico herói romântico, era também hipócrita, derramando essas “lágrimas que tinha o segredo de soltar, como duma comporta, era ele querer (Ribeiro, 1961, III: 143). Apresenta-o ainda como *snoob* (Ribeiro, 1961, II: 159), megalómano (Ribeiro, 1961, III: 131), “Mau e de génio difícil” (Ribeiro, 1961, II: 265), “traíçoeiro mesmo” (Ribeiro, 1961, III: 85-86).

Apesar de João de Araújo Correia censurar aqueles que acusam “Camilo sem lhe conceder nenhuma atenuante” (Correia, 1975b: 21), tais palavras não se aplicam, em nosso entender, a Aquilino, pois ele próprio coloca a questão e lhe dá a resposta, reforçando a natureza romântica do retrato de Camilo:

Há alguma atenuante? Para o homem das três dimensões não haveria atenuante alguma. Mas Camilo não foi um homem das três dimensões. Tinha uma natureza proteica que nos escapa. [...] Uma circunstância mais imediata ou mais concreta o iliba do patíbulo moral: era um paranóico e infeliz. Nasceu espúrio, e a macaca da mais feia sina era congénita nele como uma geba. Tudo o

que fizesse era achacado dessa monstruosidade. Menos em arte. A pena, como uma varinha de condão, resgatava-o transitoriamente do miserando fado. (Ribeiro, 1961, I: 342)

A hereditariedade foi outro algoz de Camilo:

Camilo, versátil, inconstante, trabalhado pela paranóia que lavrou bem visivelmente as fisionomias morais de vários *Brocas* [...]. (Ribeiro, 1961, I: 179)

Por fim, o autor de *O retrato de Ricardina* também não foi imune às condições em que a sua vida se desenrolou:

Roubado, batido, espoliado, este rebento dos *Brocas* tinha de ter uma grande quota de santo para não ser um espírito mordaz, acre, ervado de todos os venenos contra o próximo, pelo que prelevava em finura e suprema ductilidade de inteligência. (Ribeiro, 1961, I: 285)

Apesar destas *nuances*, os “vulcões de lama” de Aquilino “irritaram e mobilizaram a aguerrida hoste camiliana” (Cabral, 1992: 30), partidária da tradição quase hagiográfica que, ao longo dos tempos, foi configurando o “torturado de Seide”. João de Araújo Correia participou de peito aberto nesta batalha. Não só rebateu pontos de vista do biógrafo beirão, conforme já vimos, como chegou a referir-se ao *Romance de Camilo*, em 1972, como a “mais deplorável das suas obras” (Correia, 1973b: 143). Jogando com o ambíguo título da biografia, evocativo do famoso



*Romance da raposa*, acusa: “Quem romanceou, ao sabor da fantasia, a vida de Camilo, bem poderia ter dispensado aquele documento [certidão de idade de Patrícia Emília]” (*ibidem*).

Onde estivesse, o fantasma de Camilo assistiria, divertido, a esta discreta polémica de caval(h)eiros das suas milícias que não perfilhavam a mesma concepção de autor.

#### 4. O amigo de Camilo

O subtítulo de *Camões, Camilo, Eça e alguns mais*, como o de *O Romance de Camilo, Ensaio de crítica histórico-literária e Vida e crítica*, respectivamente, fixam, para as obras correspondentes, géneros específicos comprometidos com o estudo da vida e obra do escritor da Samardã. O mesmo não se pode dizer em relação aos textos de João de Araújo Correia, sobretudo as crónicas. Destinadas à imprensa, elas são, segundo definição do autor, um “espelho de mil faces” (s/d), podendo, pois, acolher temas diversos. É através delas que nos dá a conhecer a história do seu camilianismo ou aponta caminhos a seguir para que Camilo permaneça, como diria Aquilino, “glorioso e endeusado” (1975: 105).

##### 4.1. “O meu Camilo”

Mais do que os trabalhos de Aquilino, os textos de João de Araújo Correia detêm uma componente autobiográfica. As romagens pelo país camiliano de que alguns deles se ocupam reflectem

um amplo convívio com a obra de Camilo, impossível sem uma admiração profunda por este escritor. Da origem de tal afeição se ocupam alguns textos que, ao traçar a genealogia camiliana do contista, legitimam a sua intensa actividade em prol do mestre. Neste sentido, talvez não seja por acaso que a primeira crónica a que Camilo deu o mote, “Divagação camiliana”, de 1944, se ocupa da relação do escritor mais novo com o seu congénere de outras eras, alertando no final do primeiro parágrafo: “Não! Não é para nenhum desses Camilos que a minha pena hoje se inclina. É para outro. É para o meu Camilo, para aquele que só eu conheço e amo” (Correia, 1973b: 15). Reivindica assim para si um Camilo único, diferente de outros que haja, uma criação pessoal resultante de uma intimidade de longa data.

Da mesma forma que declara a sua naturalidade, em termos físicos, quando afirma “Nasci em Canelas do Douro”, estabelece a sua naturalidade literária ao proclamar: “Nasci, pode dizer-se, em meio camiliano” (*idem*: 20). Surge assim aos nossos olhos como um camilianista congénito. Não fosse o pai um leitor fervoroso de Camilo e a sua primeira leitura integral, pelos oito anos, não teriam sido os *Mistérios de Fafe*, leitura que se revelaria fundamental e fundacional, pois não só nunca mais a esqueceu – recorda-a em várias crónicas – como, segundo reconhece, “Todo o trato que depois mantive com a obra

de Camilo apenas afervorou e iluminou no meu espírito a impressão fundadora. Bela impressão foi...” (*idem*: 17).

Para além das leituras, “Factos e lendas, casos puros ou inventados a respeito do escritor ingente, meu pai mos referia, agora e logo, ao sabor da minha criação debaixo dos nossos tectos” (Correia, 1972: 140). Foi, pois, o pai o transmissor da tradição oral respeitante a Camilo, ajudando o seu descendente a construir uma determinada imagem do autor oitocentista. Como veremos, para João de Araújo Correia, estes não são elementos desprezíveis para o conhecimento do escritor romântico, pelo que pretende salvá-los do esquecimento.

Se já a influência paterna e o precoce fascínio pelo confrade transmuntano ligariam Camilo indelevelmente às origens do escritor, este laço viu-se ainda reforçado pelo próprio estilo camiliano, como se a naturalidade literária do escritor completasse a sua naturalidade física: “Aquele saboroso gosto português da elocução camiliana ainda hoje o sinto. Confundo-o na memória com a recordação da fala maternal, com o dizer variado e corredio da gente dos meus sítios. Lembra-me o pão de casa e outros mimos com que fui criado” (Correia, 1973b: 17). Intrinsecamente ligado ao meio original, Camilo tornar-se-ia seu companheiro para o resto da vida. Pela precoce ligação ao romancista de Seide e pela devoção que lhe dedicou pela vida fora, João de

Araújo Correia emparceira com Ricardo Jorge, outro médico fascinado por Camilo desde a infância, escritor com o qual conviveu estreitamente ao acompanhá-lo nos seus padecimentos. Ao contista duriense se aplica o título que atribuiu a este seu colega de profissão e de afectos literários, “O maior amigo de Camilo” (1973b: 123-125).

#### 4.2. Camilo para sempre

Empenhado em “servir o culto camiliano” (Cabral, 2010: 9), João de Araújo Correia vai frequentemente chamar a atenção para a necessidade de manter viva a memória do escritor oitocentista, como se também ele pretendesse não dar descanso ao fantasma que o assombra. De acordo com o carácter interventivo e cívico das crónicas jornalísticas de João de Araújo Correia, nelas aponta o património camiliano que urge preservar, sob pena de uma perda irreparável para todos.

##### 4.2.1. Monumentos de papel

A obra de um escritor é certamente o elemento central do seu legado e o factor fundamental da sua imortalidade. No caso de Camilo, João de Araújo Correia, logo num dos seus primeiros textos dedicados ao mestre, “Camilo na tradição popular”, lamenta a falta de uma edição condizente com o renome do escritor: “nem sequer lhe editámos ainda, com perfeição, as obras completas” (1973b: 26). Alguns anos mais tarde, volta à carga em “Obras completas de



Camilo”, juntando ao lamento um apelo e uma sugestão:

É pena que os livros de Camilo andem dispersos por vários editores e nem sempre venham a lume em edições bem revistas. Impõe-se a sua junção em uma só empresa para edição limpa e definitiva. Impõe-se a edição crítica das obras de Camilo. Se não houver editor que se arroje a tanto, que se associe a outros ou mova a simpatia e auxílio de alguma entidade protectora da cultura. (1973b: 37).

Ainda no capítulo da edição, considera João de Araújo Correia ser necessária “uma *Vida de Camilo* como ainda ninguém a executou” (1973a: 16). Embora aponte a “cidade literária de língua portuguesa” (*idem*: 15) como a beneficiária de tal publicação, pensamos que este não deixaria também de ser um contributo apreciável para a posteridade do nome de Camilo. Ao constituir, só por si, um reconhecimento da vida excepcional do escritor, actuaria como um estímulo para a leitura da sua obra<sup>7</sup>. Note-se que o admirador de Camilo faz esta sugestão em 1973, depois de já diversas biografias do escritor oitocentista terem sido publicadas<sup>8</sup>, inclusive

7 É este efeito que Gondin da Fonseca (Ribeiro, 1954: 294) assinala depois de referir o sucesso do seu *Camilo compreendido* (1953), com três edições em dois anos: “E com isto, as obras do excelso torturado de Seide subitamente desapareceram, no Rio e em São Paulo, das estantes dos livreiros”.

8 Quer *Uma sombra picada das bexigas*, quer *O romance de Camilo* fornecem uma boa amostragem da panóplia de escritos biográficos a que Camilo deu origem. Aquilino critica ferozmente a biografia de Vieira e Castro, *Camilo Castelo Branco (Notícia de sua vida e obras)*, publicada em 1861, quando o

a de Aquilino. Na opinião do autor de *Contos bárbaros*, no entanto, “O que se tem feito, neste particular, são tentativas. Umaz felizes, outras infelizes” (*idem*: 16). Aliás, já em 1964, no seu texto “Palavras inúteis”, prefácio que escreveu para *Camilo em Ribeira de Pena*, de Mário Meneses, referia que “Por erros de informação, excessos de subjectividade, não há biógrafo camiliano que não tenha cometido o seu pecado” (1973b: 49). Curiosamente, apenas facultativos como o autor do opúsculo em causa, que “É médico a observar, a ponderar e a concluir” (*ibidem*), e Maximiano Lemos, “biógrafo desapaixonado” (2012: 17) que “Não enchia de factos o saco sem sopesar cada um com lúcida balança” (*idem*: 18), parecem escapar a estas críticas. Não significa isto que João de Araújo Correia tenha o comportamento racionalista como o único adequado à tarefa biografista, pois não deixa de lembrar que “Às vezes mais penetra o coração que a razão. Se esta

escritor se encontrava preso por adultério, sendo mais complacente para com os trabalhos de António Cabral e Ludovico de Meneses. Quanto a João de Araújo Correia, para além da biografia escrita por Aquilino, refere *O torturado de Seide* (1973b: 24, 52), publicado por Alberto Pimentel em 1921, *Camilo desconhecido* (1918), de António Cabral (*idem*: 105) e *Camilo em Ribeira de Pena* (1965), do colega e quase conterrâneo Mário de Meneses (*idem*: 45-49, 53). Alude ainda aos trabalhos do brasileiro Gondin da Fonseca (*idem*: 46, 48), de Júlio Dias Costa (*idem*: 28, 52), de Egas Moniz (*idem*: 46-47) e de Teixeira de Pascoaes (*idem*: 101). A par do caminho sinuoso dos estudos biográficos sobre Camilo, considera, numa atitude simultaneamente de equilíbrio e distanciamento, que, “Por cada treva que lhe deitam, com alguma luz o iluminam” (*idem*: 48), surgindo a biografia camiliana como um *work in progress*.

grande senhora, sem embargo da sua autonomia, se deixa influir por modas irreverentes e desata a contestar tudo quanto existe, mal vai a Camilo e outros vultos” (1973b: 97). Igualmente moderado deve ser o uso da imaginação pelo biógrafo: “É útil a imaginação à investigação. Mas, deve ser luz que alumie o caminho. Se for demasiado intensa ou demasiado froixa, é origem de tropeços” (1973b: 47).

A propósito das biografias, observa ainda João de Araújo Correia que, “Por questão de vaidade ou por questão de pressa, desprezam-se hoje muito os documentos escritos e os de carne e osso” (1973b: 32). Alude assim à importância dos testemunhos orais e das histórias sobre o escritor que circulam na comunidade. Em seu entender, “Em redor do homem de génio, forma-se uma nuvem tecida de verdade e de lenda. É dever do analista distinguir as duas, mas, desprezá-las a um tempo não é dever de ninguém. É imprudência e desacato” (1973b: 19-20). Contrariando esta tendência, defende a valorização “do que o povo diz a respeito de Camilo” (1973b: 19), dando até o exemplo ao apontar em “Camilo na tradição popular” algumas das “tradições camilianas orais” (*idem*: 20) a que teve acesso. Registos como este impediriam não só a perda de fragmentos da memória de Camilo, como do próprio património oral local, contribuindo para o conhecimento de ambos. Acrescente-se que também Aquilino

não menosprezou este património, fornecendo a leitura popular de certos episódios da atribulada vida do autor do *Amor de perdição* (cf. Ribeiro, 1961, III: 170-1, 173-174). Que tais dados não são irrelevantes confirma-o Maria Antónia Oliveira (2010: 258), para quem eles constituem uma via para a revitalização da tradição biográfica camiliana:

Parece-me, de qualquer modo, incapável e mitografia ou as lendas biográficas que Camilo arrasta consigo sem remissão. Porém, desde que tratados como tal, e compreendidos na sua linguagem difusa, os mitos podem revelar-se muito úteis à compreensão da figura e da vida do escritor, que se constitua em alternativa ao sempiterno discurso da verdade e falsidade, desviando a história apaixonante da vida de Camilo para o território que, afinal, era o seu: o da ficção.

#### 4.2.2. Monumentos de pedra e cal

Às casas onde viveu o exilado de Seide dedica o nosso cronista especial atenção, insistindo na necessidade da sua preservação. O respeito que tais locais merecem revela-se, por exemplo, quando Araújo Correia, a propósito do relato de Moravia sobre a sua visita à última casa onde Camilo morou, conclui que o escritor italiano “fez figura de urso em S. Miguel de Ceide” (1984b: 63). Em carta enviada a Pires Cabral (2010: 10), afirma mesmo que “A chacota de Moravia é mais grave que uma violência”. Estes lugares contribuem para o conhecimento do escritor, não só porque o marcaram, mas também porque



guardam marcas suas: “Justo é que se acarinhem os sítios em que pôs pé um escritor. Se nele se reflectiu o ambiente, certo é que também o ambiente se tornou reflexo da sua personalidade. Analisar essa interdependência é entretenimento grato a quem tiver espírito” (Correia, 1969: 123). Juntando a isto os proventos do turismo cultural, que João de Araújo Correia pioneiramente destacou, e o facto de tais locais funcionarem como lugares de memória, percebemos as repetidas tentativas de salvação de “reliquia[s] camiliana[s]” (Correia, 1975: 92) ameaçadas pela destruição. Assim, denuncia e lamenta o estado lastimoso do local onde, no Porto, Camilo recebeu D. Pedro II (Correia, 1975b: 131-134), situação que é também comum à hospedaria onde o escritor por diversas vezes se instalou na Régua (Correia, 1984a: 1). Alerta ainda para o perigo que o progresso constitui para a casa que o romancista habitou em Viana do Castelo (Correia, 1975b: 65-68) e para aquela onde, durante vinte anos seguidos, se instalou para veranejar na Póvoa de Varzim (Correia, 1973b: 147-149). A morte do padre Luís, sobrinho-neto de Camilo que residia na casa onde o tio passou dois anos da sua adolescência, leva-o a futurar: “Receio que aconteça à casa de Camilo, em Vilarinho da Samardã, o que aconteceu à casa de Camilo em Friúme” (Correia, 1975b: 22). Esta última, apesar dos repetidos apelos de João de Araújo Correia para salvar o “improvisado

ninho de Camilo e Joaquina” (1975a: 92), “foi desfigurada pelo *dinheiro francês* –pecúnia de emigrantes” (1975b: 65. Destaque no original). O objectivo de “**ressuscitar** o desordenado vulto de Camilo” (1975b: 68. Destaque nosso) torna bem evidente como a morte de Camilo se vai avolumando à medida que cada um destes locais desaparece. A metáfora “a caveira de Camilo”, aplicada à casa onde, no Porto, se deu o “encontro de duas realidades, a do génio e a dinástica” (Correia, 1975b: 132) não podia ser mais clara quanto ao papel que cada um destes locais desempenha na imortalização de Camilo. Em contraste com estas casas de destino incerto, a última residência do escritor, em Seide, onde permaneceu mais tempo e se suicidou, tornou-se, desde 1958, na “Meca literária de Portugal e Brasil” (1973b: 35)<sup>9</sup>. Embora reconheça que tudo o que lá está “quer dizer amor à memória de Camilo” (1980: 105), considera que “Mais coisas há e mais haveria se quem as tem as oferecesse àquela tebaida do grande escritor” (*ibidem*), procurando contagiar os seus concidadãos com o seu camilianismo e o seu sentido cívico.

Nas propostas deste incansável camilianista, não seriam as casas que albergaram o mestre as únicas depositárias da

<sup>9</sup> Embora sem disputar à moradia de Seide o lugar cimeiro que ocupa no culto camiliano, Friúme recuperou a casa onde o escritor viveu as suas primeiras núpcias e também possui a sua Casa de Camilo. À distância de anos, o projecto de João de Araújo Correia parece ter encontrado adeptos.

sua memória. Em Viana, também uma “estátua de Camilo, com o *terra nova* que o impunha a olhos leigos” (1973: 18) e a recuperação do Convento de S. Francisco do Monte, local que o escritor terá visitado frequentemente (*idem*: 14), lembrariam a passagem de Camilo pela “princesa do Lima”. Quanto a Vila Real, terra de fortes pergaminhos camilianos, João de Araújo Correia lança outros desafios. Assim, deve imortalizar o seu escritor atribuindo o nome dele ao Liceu, sugestão que vingou. A praça do então Liceu seria o lugar apropriado para o busto do romancista escondido num jardim local, obra de arte à qual se deveria ainda juntar uma estátua nas imediações do Corgo (Correia, 1972: 147-148). Como se vê pela quantidade de sugestões apresentadas e pelo pormenor que as acompanha, João de Araújo Correia não olhava a meios para celebrar o seu escritor eleito, pois Camilo tudo merecia.

##### 5. “Na sacristia do culto camiliano”<sup>10</sup>

Para além da “estimável leitora”, o público camiliano também se compõe de devotados leitores masculinos que conhecem a fundo a obra do escritor oitocentista e a admiram. De facto, tanto para Aquilino como para o seu confrade duriense, Camilo é um escritor ímpar da literatura portuguesa, que, por isso, merece continuar a ser

<sup>10</sup> Sugestiva da modéstia que caracteriza o nosso contista, esta expressão remata a sua crónica “Camilo na tradição popular” (1973b: 19-26).

lido e aplaudido. Na diversidade da sua actuação, qualquer um deles procura que o mestre vença a morte e continue a assombrar com (a sua) arte. Enquanto o autor de *A via sinuosa*, apesar de tudo, não deixa de contribuir para a imortalidade do seu mestre com a biografia pouco canónica que lhe dedica, João de Araújo Correia, na sua colecção de miniaturas camilianas, para além de se ocupar da vida e da escrita de Camilo, incentiva à conservação das marcas da existência do romancista de Seide, desde a edição cuidada e completa da sua obra à construção e preservação de lugares de memória camilianos.

A sintonia entre os dois seguidores de Camilo desaparece quando o assunto é a biografia do inolvidável autor. No entanto, se para João de Araújo Correia, de tendência romântica, Camilo é “o gigante de Seide” e para Aquilino, de “extracção racionalista” (Oliveira, 2010: 244), esse gigante tem pés de barro, são apenas duas maneiras diferentes de encarar o mesmo ser desmedido, que os frágeis pés não fazem anão. Das diferenças entre ambos sobressai a grandeza de Camilo, que alimenta tais paixões e debates.

##### Bibliografia

a) Obras de João de Araújo Correia  
Correia, João de Araújo (2012 [1973]), “O bom Maximiano” in Lemos, Maximiano Lemos (2012), *Camilo e os médicos*, Porto, Modo de ler, pp. 15-18



Correia, João de Araújo (2008), *Contos e novelas. Cinza do lar. Casa paterna. Caminho de consortes. Folhas de xisto* (Vol. II), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Correia, João de Araújo (1985), "Sangue de Camilo" in *Tellus*, n.º 15, Julho/1986, pp.96-98

Correia, João de Araújo (1984a), "Uma casa camiliana", in *O arrais*, Ano VII, n.º 841, p. 1

Correia, João de Araújo (1984b), "Figura de urso", in *Tellus*, n.º 13, Julho/1985, pp. 62-63

Correia, João de Araújo (1980), "Em casa do escritor" in *Nova Renascença*, n.º 1/vol. 1, pp. 104-105

Correia, João de Araújo (1975a), *Nuvens singulares*, Peso da Régua, imprensa do Douro

Correia, João de Araújo (1975b), *Pontos finais*, Peso da Régua, Imprensa do Douro

Correia, João de Araújo (1973a), *Camilo à beira do Lima*, Porto, Sopime

Correia, João de Araújo (1973b); *Uma sombra picada das bexigas*, Porto, Editorial Inova

Correia, João de Araújo (1972), *Palavras fora da boca*, Peso da Régua, Imprensa do Douro

Correia, João de Araújo (1969), *Ecoss do país*, Peso da Régua, Imprensa do Douro

Correia, João de Araújo (1967), *Passos perdidos*, Lisboa, Portugalíia Editora

Correia, João de Araújo (1983[1938]), *Sem método*, Lisboa, Editorial Estampa

Correia, João de Araújo Correia (s/d), "Dentro da crónica" [texto fotocopiado de um jornal]

#### b) Obras de Aquilino Ribeiro

Ribeiro, Aquilino e Gondin da Fonseca (1954), "Camilo compreendido" in *Camiliana & Varia*, n.ºs 6-7, Lisboa, pp. 289-296

Ribeiro, Aquilino (1961), *O romance de Camilo* (Vol. I, II e III), Lisboa, Bertrand

Ribeiro, Aquilino (1975), *Camões, Camilo, Eça e alguns mais*, Lisboa, Bertrand

#### c) Geral

Cabral, A. M. Pires (org.) (2010), *In memoriam* de João de Araújo Correia, Coleção Tellus, n.º 21, Grémio Literário Vila-Realense/Câmara Municipal de Vila Real

Cabral, A. M. Pires (1992), "Uma biografia incómoda" in *In memoriam. Camilo. Centenário da morte*, Porto, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 29-31

Chorão, João Bigotte (1986a), *João de Araújo Correia – um clássico contemporâneo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação

Chorão, João Bigotte (1986b), "Camilianismo de João de Araújo Correia" in *Boletim da casa de Camilo*, III série, n.º 7, pp. 51-58

Coutinho, Maria Antónia Neves Nazaré de (2010), *Os biógrafos de Camilo*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [texto policopiado].

Ferreira, António Manuel (2012), "Jardim das tormentas: os tormentos do conto aquilino", in *Sinais de sombra. Estudos de literatura*, Guimarães, Opera Omnia, pp. 365-376

George, João Pedro (2013), *O que é um escritor maldito? Estudo de sociologia da literatura*, Lisboa, Verbo

Maia, João (1992), "Para o diálogo: Camilo e Aquilino" in *In Memoriam. Camilo. Centenário da sua morte*, Porto, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 211-215